

Criação, água e parentesco. Trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI.

NATACHA SIMEI LEAL 

Universidade Federal do Vale do São Francisco | São Raimundo Nonato,
PI, Brasil

natacha.leal@univasf.edu.br

LUIZ ALEX GUERRA NEGREIROS 

Universidade Federal do Vale do São Francisco | São Raimundo Nonato,
PI, Brasil

luizguerra163@gmail.com

RAÍSSA BARBERINO MIRANDA 

Universidade Federal do Vale do São Francisco | São Raimundo Nonato,
PI, Brasil

raissabarberino11@gmail.com

FERNANDA CAFÉ 

Universidade Federal do Vale do São Francisco | São Raimundo Nonato,
PI, Brasil

fecafesrn@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe214305

resumo Este artigo pretende analisar a relação entre os usos e compartilhamento de água e a produção de famílias e parentesco no semiárido piauiense, em um bairro rural chamado Lagoa de Fora – localizado na cidade de São Raimundo Nonato, Piauí. A partir da descrição de estratégias de compartilhamento de água em um ambiente marcado por longos períodos de estiagem e com os aportes teóricos da Antropologia Rural e de uma perspectiva alquímica da produção de parentesco (Marques; Leal, 2018), propõe escrever uma etnografia sobre tecnologias de manejo de água (em barreiros, lagoas, poços, cacimbas, caldeirões, grotas, rios e barragens) e sua indissociável relação

com a história de uma grande família, os Negreiros. Pretende mostrar a água, como substância e símbolo, que no semiárido piauiense e em especial em Lagoa de Fora, parece ser constitutiva para a produção de territorialidades, memórias e parentescos.

palavras-chave Antropologia Rural; Água; Criação; Parentesco; Piauí.

Creation, water and kinship. Trajectories and genealogies of the Negreiros family in the village of Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI.



e214305

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe214305>

abstract This study aims to analyze the relationship between the use and sharing of water and the production of families and kinship in the semi-arid region of Piauí, in a rural neighborhood called Lagoa de Fora - located in the city of São Raimundo Nonato, Piauí. From the description of water sharing strategies in an environment marked by long periods of drought and with the theoretical contributions of Rural Anthropology and an alchemical perspective of kinship production (Marques; Leal, 2018), it proposes to write an

ethnography on water management technologies (in barreiros, lagoons, wells, cacimbas, cauldrons, grottos, rivers and dams) and their inseparable relationship with the history of a large family, the Negreiros. It aims to show water as a substance and symbol, which in the semi-arid region of Piauí and especially in Lagoa de Fora, seems to be constitutive for the production of territorialities, memories and kinships.

keywords Rural Anthropology; Water; Creation; Kinship; Piauí.

Este artigo, a partir do aporte etnográfico, pretende analisar a relação entre os usos e compartilhamento de água e a produção de famílias e parentesco no semiárido piauiense. A partir de um empreendimento coletivo de pesquisa no Programa PIBIC/CNPq da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) com estudantes do Bacharelado em Antropologia, ao longo de 2 anos, realizamos observação participante, trabalho de campo, coleta de genealogias e entrevistas em um bairro rural – Lagoa de Fora – localizado na cidade de São Raimundo Nonato, sudeste do Piauí. Considerando a centralidade que a produção de laços familiares tem nessa localidade, o texto pretende descrever, entre outras questões, as estratégias de compartilhamento de água em um ambiente, historicamente, marcado por longos períodos de estiagem.

O objetivo de nossa proposta é, assim, a partir dos aportes teóricos da Antropologia Rural e de uma perspectiva alquímica da produção de parentesco (Marques e Leal, 2018) – que considera que a composição entre elementos heteróclitos (como genealogias, narrativas, práticas de cuidado, convívio, memórias, documentos, casas, territórios, objetos, símbolos e substâncias) produz dinâmicas de socialidade, reciprocidade e, assim, famílias –, escrever uma etnografia sobre tecnologias de manejo de água (em barreiros, lagoas, poços, cacimbas, caldeirões, grotas, rios e barragens) e a sua indissociável relação com a história de uma grande família, os Negreiros, em Lagoa de Fora.

Conforme descreve a monografia de Luiz Alex de Negreiros (2014), a localidade de Lagoa de Fora foi fundada por um vaqueiro, Serapião José de Negreiros. A família do patriarca da comunidade teria migrado em 1896 para o Piauí em razão de uma tensão na disputa de terras em sua cidade de origem, Jacobina- BA. Os primeiros Negreiros - contou-nos Padre Herculano, um descendente de Serapião - vieram da Bahia para o Piauí na condição de tropeiros e caixeiros-viajantes. Manoel Felipe Negreiros, avô de Serapião e o primeiro Negreiros a chegar em São Raimundo Nonato, era um comerciante de gado e mercadorias diversas da região do Vale do São Francisco para o sudeste piauiense. Pelo contínuo comércio com as elites políticas e econômicas são-raimundenses, parte dos Negreiros acabou se estabelecendo em Lagoa de Fora como criadores e agricultores. Ao criarem gado, mas também ao *criarem água*, conforme mostraremos a seguir, acabaram criando família.

A centralidade da ocupação do semiárido piauiense pelo gado é bem conhecida e documentada (Prado Jr, 2011; Furtado, 2007; Capistrano de Abreu, 1988, Mott, 1976; Godói, 1999). Como Natacha Simeia Leal (2017) mostrou em outro lugar, o Piauí já foi o maior produtor de gado em pé do país e parte de seu território foi fundado e ocupado por tropeiros e vaqueiros vindos do Vale do São Francisco (e nos parece que a chegada e trajetória da família Negreiros no Piauí corrobora isto). O que esta literatura sobre o Piauí descreve pouco, e o presente artigo pretende descrever, é como estes vaqueiros, mas também pequenos sitiantes e fazendeiros, ao avançarem pela caatinga, organizavam sua criação de gado e o manejo de água para o abastecimento de seus animais, plantas e de suas próprias famílias num ambiente marcado, notadamente, por longos períodos de seca.

A ideia desta pesquisa em Lagoa de Fora aparece, então, de nosso interesse analítico em Antropologia Rural e Parentesco, mas também de questões surgidas em pesquisa anterior - desenvolvida entre 2016 e 2018 (Leal, 2017) - sobre *o raceamento* e a criação do gado Pé-Duro no Piauí. Naquela pesquisa, durante o trabalho de campo entre vaqueiros da região de São Raimundo, conversas sobre o assunto gado era incessantemente puxadas, mas os interlocutores de pesquisa gostavam mesmo era de falar sobre água. Tal situação, em alguma medida, se repetiu durante nosso trabalho de campo em Lagoa de Fora: as narrativas sobre a história da localidade eram marcadas certamente pela criação de bois, bodes e ovelhas, mas, sobretudo, pela construção de *cacimbas*, o acesso a *grotas*, a recente instalação de cisternas e a ocupação das terras no entorno da lagoa (“Lagoa de Fora”) que nomeia a localidade.

Faz-se necessário destacar que os Negreiros são grandes conhecedores de sua própria família. Traçam com precisão o parentesco – próximo e distante – entre moradores da localidade e mesmo entre aqueles que moram em outros bairros de São Raimundo Nonato ou que migraram do Piauí. Preservam documentos, organizam festejos e missas em homenagens ao patriarca da família, guardam antigos artefatos da lida com o gado e, sobretudo, memórias de Lagoa de Fora. Conhecem histórias da ocupação de seu território e alguns Negreiros, inclusive, têm desenvolvido suas próprias genealogias. E, isto, de algum modo será descrito no presente artigo.

Partindo deste conhecimento coletivo em Lagoa de Fora e da centralidade que os períodos de estiagem e a gestão dos recursos hídricos têm no Sudeste do Piauí, nossa proposta é construir a trajetória de fundação de Lagoa de Fora e das relações de parentesco da comunidade a partir de diversos sentidos e elementos, entre eles, a circulação, a troca e o manejo da água. Esta substância e símbolo, no semiárido piauiense e em especial em Lagoa de Fora, parece ser constitutiva para a produção de territorialidades, memórias e parentescos.

Os Negreiros, as águas, as elites, os territórios e as genealogias

Foi na década de 80 que se estabeleceram aqui. Os que ficaram pra trás, vieram depois. De tal maneira que a descendência é baiana, vinda de Jacobina. Como eles vieram pra cá? Era comum no século XIX... O Piauí não tinha a atual configuração geográfica, pertencia ora ao Maranhão, ora a Bahia ou Pernambuco. Mas naquelas brigas em que se discutia se pertencia a A ou B, já havia uma grande

transação, no século XVII em que Domingos Velho entrou lá pelo sul do estado e o Mafrense, pernambucano, ele entrou pelo São Francisco, e de lá veio descendo pelos rios do Sul do estado... Entrou pelas cabeceiras das Confusões e foi dominando a terra daqui. De modo que quando isso aconteceu, a movimentação era muito grande. Primeiramente, para buscar pastagem pro gado e, obviamente, não era muito bom. Aqui sempre foi caatinga, mas de qualquer maneira havia um lado bom para pastagem mesmo quando as pastagens tavam secas. Vinham pela água e pelas pastagens... (Padre Herculano)

São Raimundo Nonato já era uma vila quando os primeiros Negreiros migraram, no ano de 1896. Conforme contou o Padre Herculano de Negreiros, as pessoas vinham para a região pela *água e pelas pastagens*. Como outras localidades das caatingas brasileiras, a região foi ocupada pela pata do gado: no fim do século XVII, as primeiras fazendas foram instaladas por sertanistas vindos do Vale do São Francisco que retiraram as populações nativas. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras fazendas do Sudeste do Piauí. Conforme afirma a historiadora Déborah Gonsalves Silva (2013), tais propriedades eram caracterizadas por grandes extensões de terras, sem delimitações precisas de seus limites – sem cercas – com o gado criado *na solta*. No entorno destas fazendas, foram se desenvolvendo núcleos populacionais, o fato é que em 1832 foi criada a Freguesia de São Raimundo Nonato-PI e em 1850 ela foi elevada à vila.

Conta-nos a historiadora que as terras da região de São Raimundo Nonato foram tomadas pelos companheiros de guerra dos primeiros sesmeiros e conquistadores vindos do Vale do São Francisco. Nessas ocupações, formaram suas famílias em grandes fazendas de gado e lavouras de subsistência. Ainda que contínuos períodos de seca, usuais desde este período, tenham impedido que se consolidasse no sudeste piauiense uma pecuária exportadora (já que não se produziam excedentes), formou-se na região uma “atmosfera social, composta por famílias de sertanejos criadores de gado *vacum* e cavalariço, e de agricultores”. (Silva, 2013: 35)

Enquanto um Negreiros de prestígio, Padre Herculano, que além de morador de Lagoa de Fora, sacerdote é ex-prefeito de São Raimundo Nonato-PI, explicou-nos que os Negreiros chegaram em São Raimundo Nonato quando outras famílias (de baianos e pernambucanos) já tinham se consolidado enquanto elites políticas e econômicas na região. Conta-se que teriam recebido suas terras do, então, Coronel Manoel Antunes de Macedo, que disponibilizou áreas desocupadas às margens do Rio Piauí. O padre, que organizou uma genealogia com mais 10.000 nomes de seus parentes, contou-nos que os Negreiros desenvolveram uma *cultura atípica*. Enquanto caixeiros-viajantes e tropeiros traziam mercadorias da Bahia para comercializar com as famílias *Paixão, Antunes, Macedo, Castro*, que, segundo o padre, eram *oligarcas, ricos*. Diferentemente das demais famílias da região que se apossaram das terras, os Negreiros, conforme afirmou Herculano *entravam nas terras, mas negociavam*:

Quem vinha pra essa região, de modo geral, lá no século XVII e depois no século XVIII? E minha família chegou no século dezenove, então essa área todinha já era

latifundiária. Era área de latifúndio pertencente a alguns troncos, de outras famílias, que na verdade eram donas ou proprietárias. Eram os terratenentes dessa região. Claro, pessoas que tinham poder grande tanto de posse e comando. Eram famílias que chamaríamos hoje, não propriamente de burguesas, mas de poderosas, de oligarquias. Então era muito fácil que o chefe dessa família gostasse que sua filha se casasse com o filho do chefe da outra família [...] Os Negreiros tinham uma cultura atípica, entravam nas terras, mas negociavam. Eles vinham pelo mesmo rastro dos outros, entravam na altura de Remanso ou Casa Nova, ali numa parte do rio São Francisco que era mais raso, mais baixa, atravessavam no estilo “boi de piranha”. Mas trazendo mercadorias, mercadorias de lá pra vender para os ricos. A semente do Manoel Felipe, meu trisavô, que é avô do Velho Serapião, vinha com os filhos, que acompanhava ele. Nessa troca de serviços trazendo mercadorias passaram a ter um criatório de gado em Jacobina, mas lá não prosperava, lá o pessoal tava mais interessado no ouro e não prosperaram. Eles começaram a levar gado daqui de lá pra cá. Foi quando negociaram com os Antunes de Macedo uma vasta extensão de terra... Mas os Negreiros ficaram arrinconados, ficaram próximos, ficaram, digamos assim, na periferia da ocupação tanto de terras, de propriedades, como também na periferia social... Os outros chegaram antes, se apoderaram, eram os donos das grandes terras, até com descendentes de escravos. Aqueles que nasciam na família, no campo, passavam a trabalhar na forma de meeiro ou de posseiro para os donos das terras. Os Negreiros não se adequaram a esse estilo... Eles chegaram até a ter uma área muito extensa, muito vasta, porém, como eu digo, cada um fazendo seu ninhozinho aqui, acolá, porém não se misturavam com os da cidade. Os da cidade sempre procuravam os Negreiros como uma espécie de mão-de-obra de qualidade e honestidade. A nossa raça, modéstia parte, sempre foi muito bem vista como uma família muito correta. Como se dissesse: “Eu tenho que andar na linha, porque eu tenho que trabalhar”. E depois os mais ancestrais passavam isso para os mais novos (Padre Herculano).

É fato que esta condição laboral e de classe dos Negreiros descrita por Herculano é efeito de um contexto histórico, econômico e político maior que envolveu o processo de abolição da escravatura, inclusive, muito bem documentado por historiadoras da região (Silva, 2013; Viana, 2018). Déborah Gonsalves Silva (2013) e Nayanne Viana (2018) descrevem, através da análise de censos e inventários cartoriais, arranjos populacionais, raciais, familiares e padrões de herança e propriedades na passagem do século XIX para o XX em São Raimundo Nonato, a fim de registrar táticas de sobrevivência da população cativa para alcançar a condição, de fato, de libertos. Os Negreiros, diferentemente da população escravizada – enquanto caixeiros viajantes, tropeiros e, mais tarde, proprietários de terras, vaqueiros e agricultores– chegaram e se estabeleceram na região como trabalhadores-livres.

Tal condição, no entanto, ainda que produtora de uma boa reputação, de uma “*raça correta*” conforme descreveu Herculano, produziu arranjos um tanto endogâmicos em

seus padrões de casamento. Os Negreiros, segundo a árvore genealógica desenvolvida pelo sacerdote, não se *mesclaram* com as elites familiares mais consolidadas:

Mais do que uma pesquisa eu comecei uma busca de toda a árvore genealógica da família Negreiros, como ela se expandiu em São Raimundo Nonato e depois como se expandiu para fora do município e eu estava dizendo que diferentemente das outras famílias oligárquicas daqui região, a família Negreiros, até por uma questão de condição que era diferente das outras famílias, que eram donas das grandes propriedades, das grandes terras, que eram os latifundiários, a família Negreiros ficou mais circunscrita a si mesma. Então no aspecto genealógico, as outras foram se acasalando entre si como acontece com todos esses poderes oligárquicos e a família Negreiros foi ficando de lado. Por isso a engrenagem parental foi se estabelecendo entre si mesmo. De tal maneira que os parentes são tão ligados uns aos outros, todo mundo é primo, primo de primeiro grau ou primo de segundo... Mas mesmo assim, os primos de primeiro grau se casam com os de segundo só muito mais tarde da chegada dos Negreiros por aqui, que foi no século XIX, só depois disso é que alguns dos Negreiros começaram a se mesclar com alguma descendência de alguma família burguesa aqui da região. De modo geral, se ligaram muito entre si próprios, de forma que para fazer a árvore genealógica fica tão complicado porque você se depara de repente com uma porção de primos legítimos, primos carnais, casados com primos carnais ou com tios ou com tias ... tem casos dos mais estrambóticos que você pode imaginar e curiosos mesmo... Você pega um tronco e chega um ponto que você não sabe se você leva pra esse lado ou pra esse outro, se leva por esse galho ou por aquele. (Padre Herculano).

As *sementes* das famílias, que produzem *troncos e galhos* reveladores dos casamentos um tanto endogâmicos dos Negreiros, são indissociáveis, por certo, de sua condição como trabalhadores (distinta das elites consolidadas), mas igualmente da disponibilidade de terras e águas que produziram seus territórios nas periferias da cidade. Como o próprio padre deixou a entender, as elites são-raimundenses, produziam-se enquanto tal pelo poder político e por serem fazendeiros, mas igualmente por terem acesso à água. O sacerdote octogenário, lembra, por exemplo, que na infância eram poucos os caldeirões (que hoje chamamos de cisternas), fundamentais para os períodos de seca numa região que só muito recentemente veio a ter, na zona urbana, água encanada:

O caldeirão só existia na casa dos ricos... Eu me lembro, quando aqui em São Raimundo, quando tinham uns 10 caldeirões na cidade, que hoje a gente chama de cisterna. Eram cavados, tinham uns 10 metros de profundidade no máximo, mas eram domésticos. Eram propriedades privadas, eram das famílias ricas. Por exemplo, tinha a do Júlio Paixão, os Castro tinham um caldeirão na casa deles... No máximo dez caldeirões. Os outros eram barreiros, públicos. Se era dentro de algum cercado, tinha que pedir... Já sofri muito pegando água nos barreiros. Mas tinham umas famílias que cercavam mesmo, tinha que pedir. E ao mesmo tempo

tinha gente que pegava água em barreiro pra vender pros ricos. (Padre Herculano)

Não ocasionalmente, são pelos laços genealógicos, mas também pelas águas, que Herculano explica a distribuição territorial dos *troncos e galhos* que produzem os arranjos matrimoniais de seus parentes. Ele narra, por exemplo, que foi na beira do Rio Piauí, que Manoel, o primeiro Negreiros a chegar em São Raimundo Nonato, se instalou. Seu filho, José Ricardo, teria ocupado terras à beira de um riacho que faz fronteira com o município vizinho: São Lourenço. Damiana, outra filha, teria terras perto de uma conhecida barragem da região, a Petrônio Portela. E assim fez Serapião, neto de Manoel e o mais famoso Negreiros de São Raimundo Nonato, ao ocupar e fundar a comunidade de Lagoa de Fora.

Tim Ingold, em *Lines, a Brief history* (2009), desenvolve algumas críticas sobre os limites dos traçados genealógicos desenvolvidos pelos antropólogos, afirma que eles operam como uma “metáfora de transmissão” ao ordenar informações em linhas de descendência e ascendência que conectam sucessivas gerações. Segundo o autor, a fixação de indivíduos em posições e linhas específicas é incapaz de considerar modos de existências. Por isso, defende que as genealogias (produzidas pelos antropólogos) são distintas dos pedigrees, produzidos por nossos interlocutores. Estes, operam como uma espécie de itinerário, um passeio pelas curvas de um rio que reconstrói histórias e memórias de uma jornada.

A genealogia do padre Herculano sobre a família Negreiros, por exemplo, é mais que um documento de casamentos consanguíneos ou *engrenagens parentais*. É narrada pela descrição de pessoas e alianças feitas pelos caminhos e águas das caatingas são-raimundenses. Apresenta uma ecologia, parentescos, relações de poder e relacionamentos indissociáveis da produção de territórios, reputações e memórias produzidos sempre em relação às secas contínuas e acesso aos recursos hídricos dos rios intermitentes, mas também riachos, grotas, cacimbas e lagoas.

Se obedecia àquela cultura antiga de que as águas são de todos. De tal forma que cada parente não se atrevia a dizer: essa lagoa é minha... Embora o Velho Serapião, por exemplo, na medida em que foi tendo filhos, foi situando os filhos à beira de lagoas. Bem aqui tem uma, não tá cheia... Com o tempo, com a questão ambiental, foi secando. Mas alguns filhos circundam as lagoas. No povoado maior a referência é a Lagoa de Fora. Porém, à medida que os filhos iam se casando, ele ia pondo os filhos perto de outra bacia. Aqui, por exemplo, tem essa lagoa nessas terras que eram da minha família. E aqui ele situou o Silvestre e também o Bruno perto dessa lagoa. E aqui se chamou Lagoa do Meio. E ali, naquela bacia que mais pra frente ele botou o nome de Lagoa de Cima, aí descendo ali pra baixo tem a Lagoa da Redonda e subindo pra esse lado a Lagoa do Canto. Então, tem a Lagoa de Fora que é a principal, a Lagoa da Redonda, Lagoa do Meio, Lagoa de Cima e Lagoa do Canto... (Padre Herculano).

Há, certamente, escassez de recursos hídricos no semiárido¹ piauiense. Mas esta escassez é diretamente proporcional à diversidade de usos e fontes de água e a uma maneira criadora –e criativa– destas comunidades nos seus usos e compartilhamentos que suspendem, de alguma maneira, as noções consolidadas daquilo que é considerado público ou privado, que é dado ou feito, simbólico ou material. Nos arranjos de acessos a diversidade de recursos hídricos, produz-se escalas de proximidade, distâncias, afinidades e consanguinidades, numa espécie de alquimia (Marques; Leal, 2018) de composição de águas e parentescos.

Lagoa de Fora: Criar água, criar família

Antes era assim: casava primos com primos. Acho que por causa da convivência né? Não saia para outros lugares, né? E até mesmo porque naquele tempo o pai é quem dizia com quem a filha ia casar. A gente sabe até que tem uma dessas filhas de Serapião que ela ficou noiva sem conhecer o noivo. Pelo nome ele queria uma e quando o pai apresentou foi outra. Mas naquele tempo, Serapião, pelo que a gente sabe, ele era assim um homem um pouco rígido. Ele era nessas coisas muito flexível, não... Quando ele dissesse uma palavra, os filhos tinham que cumprir, não importava se fosse solteiro ou casado a ordem sempre era dele. Meu pai sempre falava assim, que era dessa forma. Uma filha dele morreu e deixou uns filhos pequenos, aí quando foi no dia da missa de sétimo dia ele já levava a outra, a mais nova, para poder casar e ficar cuidando dos sobrinhos no caso e já casar com aquele, com o viúvo da irmã. (Maria Negreiros)

Foi com estes dizeres que Dona Maria, moradora de Lagoa de Fora, explicava-nos a truncada genealogia da família Negreiros. Serapião, o patriarca da localidade, é conhecido por sua habilidade com benzimentos, pelo conhecimento das plantas da caatinga, pela devoção ao catolicismo e por certa rigidez, como bem narrou Maria, na escolha dos casamentos de suas filhas.

Um certo padrão de casamentos entre *primos-irmãos*, decisivos para o ciclo de desenvolvimento doméstico, organização de sistemas de produção, distribuição de terras e heranças, divisão do trabalho, bem como para a ocupação de territórios, casas e roçados em sociedades camponesas, não obstante bastante documentado por uma certa literatura da

¹ Como se sabe, vide trabalhos clássicos do pensamento social brasileiro (Furtado, 2007) e políticas estatais, o semiárido brasileiro foi, e em alguma medida é, foco de estratégias governamentais para o combate da chamada “indústria da seca”. Mais recentemente, projetos de “convivência com semiárido” entraram em cena, como a instalação das cisternas domésticas a partir de meados nos anos 2000. Tais políticas, mais ou menos efetivas, resolveram parcialmente o problema de acesso contínuo à água numa ecologia marcada por longos períodos de estiagem. Água é um tema sensível para as comunidades rurais e urbanas atingidas pela seca no nordeste brasileiro e, por suposto, intuímos que o acesso a fontes de água pode vir a gerar conflitos e cisões nos arranjos de sociabilidade e de parentesco. No entanto, tais conflitos não foram exatamente explicitados pelos nossos interlocutores durante nossa pesquisa de campo: água, por princípio, é algo que deve ser compartilhado. Desta feita, tentamos tratar com cuidado e respeito às difíceis memórias de nossos interlocutores sobre a falta de água para seus animais e suas famílias e mesmo o acesso a recursos hídricos –durante os períodos de secas mais intensas– considerados insalubres.

Antropologia Rural brasileira (Woortmann, 1994; Almeida, 1986; Heredia, 1978) em diversos contextos etnográficos, parece ser central nas narrativas sobre a trajetória da família Negreiros em Lagoa de Fora. Mas se em boa parte desta literatura clássica sobre o campesinato brasileiro a tríade “Terra, Trabalho e Família” é central nas análises sobre parentesco, um outro elemento, como viemos argumentando, parece ser constitutivo na organização social de comunidades rurais do semiárido: a água.

Como Marcela Centelhas (2019) - no agreste de Pernambuco- e Tainara Santana Castro (2021) - no sudeste do Piauí- mostraram em suas etnografias, as águas em comunidades rurais do semiárido brasileiro, em razão dos longos períodos de estiagem, não são abundantes. Água, não é tratada como aquela substância una, insípida, incolor e inodora. Por isso mesmo, há saberes sobre a qualificação e uso das águas para a criação, agricultura, uso doméstico ou *para beber*, marcados pela qualidade desta substância, como por exemplo, a salinidade, cor e densidade, mas igualmente por suas fontes: lagoas e rios intermitentes, barreiros, cacimbas ou cisternas, como aquelas que são constitutivas para a trajetória da família Negreiros em Lagoa de Fora.

Conforme nos contam os moradores da comunidade, o patriarca Serapião, teria chegado ao território onde hoje é localizada Lagoa de Fora *campeando* gado. Vindo de *Junco* e *Queimadinha*, localidades próximas das margens do rio Piauí onde viviam seus pais, tios e parte dos irmãos desde que chegaram de Jacobina-BA, o vaqueiro teria encontrado na localidade, segundo nossos interlocutores, condições ideais para a agricultura e a criação de gado, ovelhas e cabras: um território, na época, sem ocupação humana, vasto e *bom de água*. Na lagoa intermitente que nomeia a localidade, *mina água*. E foi no entorno dela que Serapião construiu sua casa e sobre ela foram instaladas ao longo do tempo cacimbas e barreiros para *criar água* para a família Negreiros.

Conta-se, inclusive, que o território da comunidade foi descoberto, por assim dizer, enquanto Serapião buscava uma de suas éguas perdidas na caatinga. Encantado com a beleza de uma das lagoas dessas terras, muda com sua esposa para a localidade. Tal como nos descreve Padre Herculano, a comunidade teria sido batizada pela mulher do vaqueiro, ao tentar explicar para outros parentes onde estava localizada:

Isso aqui era entendido como terra de ninguém e como entendiam que fazia parte da grande área que eles tinham trocado com os Macedo, então eles descobriram a lagoa e vieram pra cá. Tem até uma anedota, o que se conta, que já casado, perdeu uma égua e então saiu a cavalo buscando essa égua e se deu com a Lagoa de Fora, que era uma lagoa imensa... Eu ainda me lembro quando ela ainda enchia, era imensa, muito grande, muito grande. E então ele ficou encantado com aquilo. Levou pra lá e disse: “Mulher. Nós não vamos ficar aqui não. Eu descobri uma lagoa que é a coisa mais linda”. Terminou um dia que eles arrumaram as coisas pra vir pra aí e os parentes próximos perguntaram: “Pra onde você tá indo?” - “Eu sei lá! O Serapião achou esse lagoa aí” - “E onde fica essa Lagoa?” - “É pras zafora, pras zafora.” E daí saiu esse nome: Lagoa de Fora. (Padre Herculano)

Água, como afirmaram nossos interlocutores, é uma substância que se *cria* em Lagoa de Fora. Como gado, bodes, ovelhas ou plantas, é algo que se maneja, se cultiva, se troca e, sobretudo, que se produz e se compõe em família. A água na comunidade é um elemento da natureza, é dada (como mostra a escolha de Serapião pela ocupação de um território próximo de uma lagoa que *mina água*), mas concomitantemente é *criada* pelo contínuo processo de construção, descoberta, manejo e acesso às fontes de água.

Criar água, no entendimento dos moradores de Lagoa de Fora, permite algumas analogias com os sentidos antropológicos de domesticação. Se, como lembra Nerissa Russel (2007), domesticar envolve uma prática de doma, um processo de seleção que é concomitantemente biológico e social que, não obstante, produz uma espécie de simbiose entre as pessoas que domesticam e os animais ou plantas que são domesticados, as águas do semiárido piauiense –de lagoas, rios intermitentes, cacimbas ou grotas– também podem ser pensadas como algo que se domestica. Incessantemente cultivada e selecionada para este ou aquele fim, manejada para abastecer as necessidades de uma família ou de um grupo doméstico, como plantas e animais e outras substâncias produtoras de vínculos e relacionalidades, são *criadas*.

Tal como o sangue - substância e símbolo mais conhecido e presente nos estudos de parentesco - vide os trabalhos de Schneider (1968), Carsten (2013) e Marques (2002), a água em Lagoa de Fora é um vetor de relações familiares. A água pode ser mais diluída ou mais concentrada, boa ou ruim, mais ou menos salobra e é, sobretudo, uma substância vital que se manipula, se troca, se *cria* e que é passível de ser transmitida de geração em geração. Nas narrativas obtidas durante nosso trabalho de campo sobre os períodos de secas mais intensas, as relações familiares e a água estão sempre presentes. Nestes momentos de dificuldades, há certas dinâmicas de relacionalidades que estabelecem com quem, como se partilha e como se *cria* esta substância escassa: entre parentes.

Como já dito, a lagoa que abastecia as atividades de agricultura, pecuária e de uso doméstico da comunidade (antes da chegada das cisternas em meados dos anos 2000 e dos recentíssimos poços furados pela Prefeitura) é intermitente. Depende da quantidade de chuvas para encher e igualmente da construção de barreiros e cacimbas (das quais falaremos a seguir) para *minar água*. Nos momentos de estiagem intensa parte dos moradores tinham que se deslocar para ter acesso à água, e mesmo a permissão de acesso a ela em outras localidades era mediada por relações familiares tal como nos contou Maria:

A gente bebia água do barreiro, teve anos uma seca muito forte que foi obrigada a beber água até da cacimba, água salgada, ou então teria que ir buscar. Meu pai mesmo teve que buscar água lá no Junco, ali próximo das Cohab, e a água para os animais quando a Lagoa de Fora secava. Aqui sempre num foi um lugar muito bom de água, é água de minação. Então tinha que buscar água numa outra localidade, aqui, que fica ali próximo, antes aqui do aeroporto, que a gente chama o Baixão dos Veados. E a gente teria que buscar água lá, eu mesma ainda cheguei a ir buscar com meus irmãos a carga de água no jumento, né? E levava ainda as ovelhas, as cabras tocando pra ir dá água lá nessa cacimba, porque as daqui não tinha água, a água, a minação aqui era muito pouca [...]. Então tinha que buscar

água na carga, no jumento, tocando o jumento nessas carreiras pra buscar água lá e dá aos animais, e trazer pra consumo assim, pra limpar, pra lavar né? (Maria Negreiros)

Era precisamente em *Junco*, nas proximidades do Rio Piauí, localidade onde a família Negreiros se instalou logo que chegou de Jacobina que os moradores de Lagoa Fora podiam buscar água durante as secas mais intensas. Era lá, segundo Maria, porque em *Junco* morava gente *da família*. O avô de Maria tinha herdado um pedaço da terra que fora de seu pai, Serapião, naquela localidade. E assim, naquela terra, tinham livre acesso à água. Mas é preciso um parêntese a este respeito (especialmente para aqueles que não conhecem a ecologia do semiárido brasileiro). Em *Junco*, no *Baixão dos Veados*, a água teve de ser *criada* como é em Lagoa de Fora. A fonte compartilhável entre os Negreiros não era de um rio, mas sim de uma cacimba.

Estes poços profundos, mais ativos nas comunidades rurais do semiárido piauiense antes da instalação das cisternas a partir de meados dos anos 2000, costumavam ser furados em sistemas de mutirão. Construídos a fim de alcançar fontes de água subterrâneas, sobretudo para abastecer a *criação* de bodes, ovelhas e gado, envolviam um árduo trabalho, quase sempre realizado em família, para encontrar o local adequado onde *mina água* (que inclusive aponta para um certo saber tradicional de especialistas, conforme nos contaram os moradores de Lagoa de Fora, que conseguiam indicar com precisão, sem as tecnologias contemporâneas, qual era o local exato para abrir a cacimba).

Em mutirão, se cavava, durante meses, ou mesmo anos, com marretas e cunhas, os lajedos. Quando os buracos ganhavam profundidade, era necessário entrar neles com a ajuda de carretéis e cordas para retirar as pedras e a terra acumulada. Paralelamente, criava-se uma estrutura feita em pedra ou madeira na borda da área cavada para evitar a entrada de sedimentos. Para, finalmente, encontrar e *criar* a água na cacimba. Mas o trabalho de *criar água* não necessariamente acabava aí. A depender da seca, era preciso cavar com mais profundidade as cacimbas e, sobretudo, fazer a gestão adequada do uso da água entre as famílias para que ela não viesse a faltar.

E é sobre as cacimbas construídas na Lagoa de Fora que falaremos a seguir.

Os traçados genealógicos, a água e as cacimbas

Um dia ele saiu cedo e chegou disse “eu já vi o lugar de abrir a cacimba lá na Lagoa, amanhã é pra nós começar”. Aí eu fui mais ele e começamos a cavar lá o lugar. Aí nós chegamos. Num dia ia dois, no outro dia ia dois, era ele mais os filhos. Nós, era eu mais o meu pai que eu morava dentro de casa, nesse tempo que eu era solteiro, e mais dois irmãos meus que trabalhavam junto e mais outro irmão e um cunhado. Eram as três duplas, aí um dia era uma, outro dia era outra, aí foi assim. E quando foi no mesmo ano com uns trinta palmos ela começou a dar água. Aí já começou facilitar, criando água, nós foi já ficando. As viagens pra buscar mais longe já foi parando. Aí quando foi no próximo ano nós tornamos a afundar mais ela... ela hoje tem 60 palmos. Aí depois disso foi uns anos e fizeram a barragem. Aí foi criando mais água, mas a gente passava dificuldade que água

aqui era difícil, a gente saía no clarear do dia pra poder ir buscar uma caminhada de água e de tarde ia outra vez pra dar os bichinhos. Aí com a cacimba facilitou (Leônidas Negreiros).

Leônidas, morador de Lagoa de Fora, nos contou numa entrevista sobre sua participação na construção, ao longo de dois anos, de uma das cacimbas da comunidade instaladas sobre a lagoa intermitente que nomeia a comunidade. Segundo Leônidas, a escolha de seu pai, José Bruno, em abrir a cacimba num lugar específico da lagoa veio de um *sonho*. Narrou que o pai acordou bem cedo antes de todos levantarem, foi observar a lagoa e voltou decidido: “*vai ser ali que vai criar água*”. E naquele mesmo dia começaram a cavar.

Durante um longo período, aquela cacimba veio a ser a principal fonte de água de seu núcleo familiar: Leônidas, na época solteiro, seu pai (José Bruno) e seus irmãos já casados – aqueles que trabalharam em mutirão para cavá-la - passaram a ter livre acesso a água para a criação de seus animais. Antes de sua construção, José Bruno e seus filhos, tinham que pedir água a outros parentes. Como todos em Lagoa de Fora criavam animais, as secas eram constantes e nem todas as fontes, fora e na localidade, estavam *boas de água*, o acesso a esta substância era sempre negociado. O fato é que aquela cacimba que Leônidas ajudou a construir ficou nomeada como a *Cacimba de José Bruno*.

Como mostrou Emília Godói (1999) em seu trabalho sobre a comunidade Zabelê - deslocada de seu território com vistas à instalação do Parque Nacional da Serra da Capivara - e Tainara Santana Castro (2021) em sua pesquisa sobre manejo de água na zona rural de Dirceu Arcoverde-PI, as cacimbas e barreiros do semiárido piauiense levam o nome daqueles (chefes de família) que os abriram. Em Lagoa de Fora não é diferente.

Mas se água, como argumentamos, é um vetor de relações familiares no semiárido piauiense, algo que se *cria*, se pede e se troca, conforme argumentam nossos interlocutores, o que estas cacimbas com nomes próprios, instaladas sobre a lagoa que nomeia e funda a comunidade podem nos dizer sobre as relações de parentesco e aspectos da territorialização e relacionalidades desta localidade?

A partir de outra invenção sertaneja - os recortes nas orelhas de rebanhos caprinos feitos por famílias de criadores tradicionais no agreste Pernambucano - Jorge Villela e Ana Claudia Marques (2017), argumentam que estas marcas (igualmente realizadas nos rebanhos caprinos do sertão piauiense), mais que indicar a propriedade sobre estes animais, expressam segmentações sócio-territoriais dos homens que as criaram. Tais marcas, como afirmam os autores, concomitantemente fixas e suscetíveis às transformações do tempo, seriam efeito de um projeto genealógico – que talvez não se confunda com os pedigrees elaborados por genealogistas ou mesmo pelos antropólogos – mas que dá conta de descrever dinâmicas de fragmentação e reagrupamento contínuos de famílias pelo sangue, que ali no sertão de Pernambuco opera como um vetor de heranças, linhagens e troncos.

A produção das marcas nos bodes no sertão de Pernambuco descrita por Marques e Villela (2017) nos inspira a pensar outro tipo de criação do semiárido nordestino, as cacimbas, que igualmente são capazes de expressar dinâmicas territoriais e de composição

das famílias, mas a partir de outra substância vital –a água– que se *cria*, compartilha, se herda, e quiçá também organiza linhagens. A presença das cacimbas em Lagoa de Fora, por exemplo, e as próprias narrativas sobre seus usos, construção e compartilhamentos nos ajudam a compor uma espécie de cartografia espaço-temporal da localidade, que tal como um traçado genealógico, nos mostra o indissociável processo de se *criar* família e *criar* água.

Sabemos, por exemplo, que a *Cacimba de José Bruno* foi construída na Lagoa de Fora anos depois da primeira cacimba aberta pelo patriarca da comunidade, Serapião (avô de José Bruno), que em razão do tempo e da entrada de sedimentos veio a se transformar em um barreiro. Com menos profundidade e mais largos do que as cacimbas, os barreiros são abastecidos, sobretudo com a água das chuvas que, pela sua qualidade, eram utilizadas para as atividades domésticas e, como nos contou Maria, em momentos mais críticos, *até para beber*.

Sabemos igualmente, pela nomeação de outras fontes de água *criadas* na Lagoa, que um filho de Serapião, Marcelino, também construiu uma cacimba: *a cacimba de Marcelino*. Outro filho de Serapião, João Gualberto, tinha um barreiro: *o barreiro de João*. O fato é que a *Cacimba de José Bruno* foi aberta nas proximidades das cacimbas de seu avô Serapião, de seu Tio Marcelino e de seu Tio João. Igualmente, está próxima das cacimbas de dois genros de Serapião, Avelino e Manoel, e da cacimba de Martinho, irmão de José Bruno.

Cada uma destas cacimbas e barreiros, com os nomes próprios daqueles chefes de família que as cavaram e que por isso mesmo tinham livre acesso à água que *criaram*, operam como nós (ou egos) da rede que compõe a truncada genealogia dos Negreiros em Lagoa de Fora. Estas fontes de água elucidam e materializam uma passagem no tempo e uma organização no espaço que, de geração em geração, acompanham secas mais ou menos intensas e os arranjos de parentesco em Lagoa de Fora, que ao *criarem* famílias, *criavam* água.

Vale uma última observação. Há uma única fonte de água sobre a Lagoa de Fora que não leva o nome de quem a construiu: o Barreiro da Sudene. Construído, na década de 80, durante um período de forte seca a partir de uma Frente de Serviço empreendida pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, foi cavado, como as demais fontes instaladas sobre a lagoa, em sistema de mutirão por várias pessoas da comunidade. Segundo Leônidas, por essas razões, o acesso a este barreiro sempre foi livre. A água ali é pública conforme Leônidas nos explicou: não é de família não, todo mundo, qualquer pessoa tem direito de pegar água lá, pode chegar e pegar.

Estas relações, entre água e família, nos parecem oferecer uma hipótese, ainda tímida, de tentar subverter, ou ao menos rever, a máxima de Schneider (1968) sobre os estudos de parentesco. No semiárido piauiense, por exemplo, durante as chuvas, quando águas dos rios ou lagoas transbordam, costuma-se dizer que *sangraram*. Como tentamos mostrar, água é *criada*. Em família, se cultiva, se compartilha, se domestica e se troca água. Água, assim, faz genealogias, memórias, trajetórias, histórias (Ingold: 2007) e, sobretudo, famílias. Diante disso, como afirma David Schneider (1968) o sangue seria sempre a

substância e o símbolo, por excelência, do parentesco? Em outras palavras: o sangue é mesmo “mais denso que água” em Lagoa de Fora?

Referências bibliográficas

- ABREU, João Capistrano de. 1988. *Capítulos de História Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp.
- ALMEIDA, Mauro. 1986. “Redescobrimo a família rural”. RBCS 1(1):63-83. DOI: 10.17666/bib9705/2022
- CARSTEN, Janet. "Blood Will Out". 2013. JRAI, vol. XIX: 271-295. Special Issue. DOI:10.1002/9781118656235
- CASTRO, Tainara Santana. 2021. *Seca e inverno no sertão piauiense: a vivência no semiárido nordestino e os conhecimentos tradicionais sobre as previsões do tempo*. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Antropologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato.
- CENTELHAS, Marcela Rabello de Castro. 2019. *Nas águas das políticas: as mulheres, as cisternas e o curso da vida no agreste pernambucano*. Doutorado em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- FURTADO, Celso. 2007. *A Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GODÓI, Emília P. de. 1999. Trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas/SP: Editora da UNICAMP.
- HEREDIA, Beatriz. 1978. *A Morada da Vida. Trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- INGOLD, Tim. 2007. The genealogical line. In: _____ Lines, a brief history. London/New York: Routledge.
- LEAL, Natacha Simeí. 2017. “De sangues, purezas e misturas bovinas. Políticas e Saberes da Criação”. In: *Questões e dimensões da política* organizado por John COMERFORD, Marcos Otavio BEZERRA e Moacir PALMEIRA, 303-317, Rio de Janeiro: Papeis Selvagens.
- MARQUES, Ana Cláudia Rocha. 2002. *Intrigas e Questões. Vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- MARQUES, Ana Cláudia Rocha; LEAL, Natacha Simeí. (orgs.) 2018. *Alquimias do parentesco: casas, gentes, papéis, territórios*. São Paulo: Gramma/ Terceiro Nome.
- MOTT, Luiz Roberto de Barros. 1976. “Fazendas de gado do Piauí: 1697-1762”. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA*, 8, 1975, Aracaju. Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. A propriedade rural. São Paulo: FFLCH-USP.
- NEGREIROS, Luis Alex Guerra. 2014. *O catolicismo popular na comunidade de Lagoa de Fora, Zona Rural de São Raimundo Nonato-PI (1968-2014)*. Monografia, História, UESPI, São Raimundo Nonato.
- JR. Caio Prado. 2011. *A Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras.

- RUSSEL, Nerissa. 2007. "The Domestication of Anthropology". In: *Where the Wild Things are Now. Domestication Reconsidered*. Organizado por Rebecca Cassidy e Molly Mullin. Oxford/ New York: Berg. DOI:10.4324/9781003087373-2
- SCHNEIDER, David Murray. 1968. *American kinship: a cultural account*. Chicago: University Press.
- SILVA, Débora Gonsalves. 2013. *Arranjos de sobrevivência: relações sociais entre escravos no sertão do Piauí* (São Raimundo Nonato –1871-1888). Mestrado em História.UFMA. Social. São Luiz.
- WOORTMANN, Ellen. 1994. *Herdeiros, parentes e compadres. Colonos do Sul e sitiantes do Nordeste*. São Paulo: Hucitec.
- VIANA, Nayanne Magna Ribeiro. 2018. *Traquejos e labutas: trabalhadores escravizados no sertão do Piauí* (São Raimundo Nonato, segunda metade século XIX). Mestrado em História. UEFS. Feira de Santana.
- VILLELA, Jorge Luiz Mattar ; MARQUES, Ana Claudia Duarte Rocha . 2017. "O sangue e a política: sobre a produção de família nas disputas eleitorais no sertão de Pernambuco". *Revista Pós-Ciências Sociais*, v. 14, p. 33-51. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v14n27p33-51>

sobre as autoras

Natacha Simei Leal

Professora Adjunta do Colegiado de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), campus Serra da Capivara. Mestre e Doutora pelo PPGAS/USP. É pesquisadora associada ao Hybris - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades – PPGAS-UFSCar / PPGAS-USP e ao Projeto Temático "Artes e semânticas da criação e da memória" (Metis).

Luiz Alex Guerra Negreiros

Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi) e Técnico em Guia de Turismo pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI), com especialização em História do Brasil pela Faculdade Latino Americana. Cursa graduação em Antropologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), campus Serra da Capivara, é professor da Rede Municipal de Ensino de São Raimundo Nonato-PI.

Raíssa Barberino Miranda

Graduanda no Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (campus Serra da Capivara). Bolsista PIBIC/CNPq.

Fernanda Café

Bacharela em Antropologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), campus Serra da Capivara.

Autoria: As autoras são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: CNPq, é parte do Projeto Temático “ Métis: Artes e Semânticas da Criação e da Memória” - Fapesp (nº 2020/07886-8).

Recebido em 13/07/2023.

Aprovado para publicação em 16/09/2023.